

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO –
COORDENAÇÃO GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO (COGEAE)**

PUC - SP

ANA AMÉLIA COSTA PEINADO MARTIN

**A COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA COM FILHOS ADOLESCENTES:
UM OLHAR SISTÊMICO**

Especialização em Terapia Familiar e de Casal

SÃO PAULO

2014

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO –
COORDENAÇÃO GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO (COGEAE)**

PUC - SP

ANA AMÉLIA COSTA PEINADO MARTIN

**A COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA COM FILHOS ADOLESCENTES:
UM OLHAR SISTÊMICO**

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL

Monografia apresentada à banca examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de especialista em Terapia Familiar e Casal pelo COGEAE da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luiza R. Mejome Piszczman.

SÃO PAULO

2014

ANA AMÉLIA COSTA PEINADO MARTIN

**A COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA COM FILHOS ADOLESCENTES:
UM OLHAR SISTÊMICO**

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de Especialista em Terapia Familiar e Casal. Qualquer citação atenderá as normas da ética científica.

Monografia apresentada em ____/____/____

Orientadora: Professora Doutora Maria Luiza R. Mejome Piszczman

1ª Examinador (a) Prof.(a). Titulação. Nome do Examinador

2ª Examinador (a) Prof.(a). Titulação. Nome do Examinador

Coordenadora: Professora Doutora Rosa Maria Stefanini de Macedo

Dedico este trabalho ao meu querido esposo Paulinho que tem sido ao longo destes 26 anos o companheiro, o amigo e a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão da minha vida.

Ao meu amado esposo Paulinho, pela paciência e carinho comigo; por ter sempre me incentivado nos estudos e por estar sempre ao meu lado.

Às minhas queridas e amadas filhas Carolina e Julia que, com paciência, suportam minha ausência para que eu possa me realizar profissionalmente. Vocês são o presente de Deus para mim.

À minha orientadora Maria Luiza, que me conduziu com muita calma para concluir este trabalho.

Às minhas entrevistadas, que carinhosamente doaram seu tempo. A todos minha gratidão.

**A fase do meio
Nem criança nem adulto
Sem sim ou não
Mas a indecisão
A tristeza pode dominar
Mas alegria pode mudar
Podemos nos esconder
Mas a vida temos que viver
A rebeldia começa
Sem falar
E apenas reclamar
É hora de me encontrar
Em lugar de muitos
Esse lugar
É o mundo
(Vitor Potiens Costa)**

Resumo

A COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA COM FILHOS ADOLESCENTES: UM OLHAR SISTÊMICO

Ana Amélia Costa Peinado Martin

NUFAC – Núcleo de Família e Comunidade da PUC/São Paulo 2014

O presente estudo consiste numa pesquisa qualitativa cujo principal objetivo é investigar e compreender como os problemas de comunicação afetam as relações familiares entre pais e filhos adolescentes. Primeiramente, foi realizado um embasamento teórico sobre os temas principais: comunicação, família e adolescência. Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com três adolescentes, na faixa de 13 a 17 anos de idade, do sexo feminino. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra, o que viabilizou o levantamento e a análise dos temas recorrentes. A partir disso, foram levantados quatro temas relevantes: *O que vem a ser comunicação e qual a forma habitual de se comunicar; Relações sociais e redes sociais para enfrentar problemas além de seus familiares; Comunicação na família incluindo dificuldades e facilidades de comunicação entre os membros; Mudanças em relação a comunicação na família.* Verificou-se, por meio da pesquisa, que a comunicação na família não é um processo fácil para as adolescentes que foram entrevistadas, em suas famílias as fronteiras são rígidas. Por outro lado, percebe-se que, mesmo com a dificuldade de diálogo, todas elegeram pessoas, como amigos e membros da família extensa para se comunicar e enfrentar problemas.

Palavras – chave: Comunicação; família e adolescente.

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Maria Luiza R. Mejome Pszezman

Sumário

Introdução	9
CAPÍTULO I – COMUNICAÇÃO HUMANA	11
1 - A Comunicação	11
1.1 Problemas da comunicação.....	13
CAPÍTULO II – FAMÍLIA	17
1 - Conceito de família na visão sistêmica	17
2 - Ciclo Vital.....	19
3 - A família em fase adolescente	21
CAPÍTULO III – ADOLESCÊNCIA	23
1 - Conceito de Adolescência.....	23
2- Adolescência e Perspectiva Sistêmica	26
CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
1 – Método de Pesquisa	29
2 – Participantes	29
3 - Instrumentos	30
4 – Procedimento	30
5 – Análise de dados.....	31
6 – Cuidados Éticos	31
CAPÍTULO V – ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS	32
1 – Identificação dos entrevistados	32
2 - Resultados das entrevistas.....	33
3 - Análises dos resultados.....	45
Considerações Finais	49
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	53
Anexo I – Roteiro da entrevista semi estruturada.....	53
Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	55
Anexo III – Entrevistas Realizadas	57

Introdução

Em nossa sociedade, a Adolescência é vista, muitas vezes, como um período complicado e de muito aborrecimento. Os pais que viviam a fase de aquisição, com crianças pequenas, passam a ver seus filhos crescendo e se tornando adolescentes. Consoante a isso ocorrem mudanças na maneira de vestir, na linguagem e nas atitudes; surgem também queixas e reivindicações. É uma fase de emoções internas e intensas, na qual o sujeito busca consolidar a própria identidade. Uma das primeiras manifestações desse processo ocorre com o afastamento da família de origem e um maior envolvimento com grupos iguais; o distanciamento em relação as figuras parentais pode tomar a forma de rebeldia.

Trata-se de uma fase da vida do ser humano que exige inúmeras tarefas do desenvolvimento, as quais implicam diversos ajustes, tanto por parte do adolescente quanto da família. Tais ajustes e transformações podem ser mal interpretados e, conseqüentemente, gerar muitos conflitos. Quanto maior for o medo do conflito, maior será a dificuldade do adolescente em fazer perguntas ou mesmo em compartilhar suas ideias, desencadeando distanciamento e falta de confiança no relacionamento familiar e social (Preto, 1995 p. 46). A adolescência é marcada por intensas mudanças físicas, cognitivas e psicossociais que impulsionam o sujeito para um período inquieto e de novas sensações. A visão das famílias e dos adolescentes em relação à essa fase pode ser de jogo e luta. Estão em lados opostos e vai vencer o mais forte, assim se inicia a dificuldade de relacionamento.

A comunicação é importante para o relacionamento humano. Em algumas situações, a dificuldade comunicacional pode causar a omissão de atividades, problemas e preferências, além de aumentar a vulnerabilidade e o distanciamento de ambos, família e adolescentes. O que poderia ser expressado de maneira saudável, a fim de possibilitar o crescimento e o desenvolvimento da relação, pode ser colocado em risco, de acordo com a maneira que se realiza.

Segundo Cerveny (2004, p.13-14), a maioria das queixas, que levam pessoas à terapia, refere-se à dificuldade da comunicação. Indivíduos que não se sentem ouvidos ou entendidos, que não conseguem expressar sentimentos e desejos, que

se submetem ou se violentam por causa da comunicação. Esses exemplos estão presentes nos lares.

Cabe, a criação de um ambiente onde todos se sintam à vontade para partilhar suas dificuldades, preocupações, expressar suas ideias e sentimentos, além de anunciar eventuais conquistas. Esse é o primeiro passo para que a comunicação seja eficaz. Trata-se de um momento em que é imprescindível o aumento da flexibilidade das fronteiras e do equilíbrio, na autoridade dos pais, para manter a harmonia familiar e incluir a independência dos filhos. Algumas mudanças de segunda ordem são necessárias para o prosseguimento do indivíduo nessa fase, já que, segundo Cervený (1997 p.89): *“Famílias com fronteiras flexíveis permitem que o adolescente possa tramitar e experimentar sua independência”*.

Meu interesse em estudar a comunicação na família e, de modo mais específico, a comunicação do adolescente com sua família, aumentou quando cursei Terapia Familiar Sistêmica. Passei a olhar com mais cuidado para a dificuldade que meus clientes trazem sobre a comunicação. A partir disso, senti a necessidade de aprofundar meus estudos no que se refere à comunicação da família com filhos na fase da adolescência.

Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo investigar e compreender como os problemas de comunicação afetam as relações entre pais e filhos adolescentes. Para isso, torna-se importante uma reflexão sobre a compreensão da palavra comunicação por parte do adolescente, bem como sobre os elementos que a dificultam. A pesquisa busca se ancorar num suporte teórico que abrange: no primeiro capítulo, a Comunicação humana, a partir de uma visão sistêmica, tendo em vista os axiomas e problemas da comunicação. No segundo capítulo, abordarei a Família, ciclo vital e fase adolescente. No terceiro capítulo, o foco será a Adolescência, conceito e perspectiva sistêmica. Por último, ou seja, no quarto capítulo, será descrito o método de investigação inerente à qualitativa; nessa etapa, entrevista semiestruturada foi utilizada como instrumento. No quinto e último capítulo, serão analisadas e discutidas as entrevistas realizadas. Seguindo, desse modo, para as considerações finais.

CAPÍTULO I – COMUNICAÇÃO HUMANA

1 - A Comunicação

A Comunicação é um processo através do qual as pessoas compartilham informações. Além disso, é realizada o tempo todo, mesmo quando não queremos. Inicia-se ao nascer, no primeiro grupo social, a família. Piszczman (1999) ressalta que a interação não ocorre apenas por meio de palavras, mas também por meio do espaço compartilhado, do olhar, do sorriso, do movimento, entre outras coisas. Por meio desse processo, as pessoas constroem significados, influem-se mutuamente e definem relações. Conforme propõe Watzlawick (1973 p 45),

“Atividade ou inatividade, palavra ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem, influencia outros, os quais, por sua vez, não podem não responder a essas comunicações e que, portanto, também estão comunicando. Deve ficar claramente entendido que a mera ausência de falar ou de observar não constitui uma exceção (...). Tampouco podemos dizer que a comunicação só acontece quando é intencional, consciente ou bem sucedida, isto é, quando ocorre uma compreensão mútua.”

No estudo sobre comunicação humana de Watzlawick, Beavin e Jackson propõem que a comunicação pode ser dividida em três áreas: A sintaxe, semântica e pragmática. A *sintaxe* é a parte da estrutura da comunicação, ou seja, o seu interesse reside no problema de código, canais, capacidade, ruídos, redundância e outras propriedades da linguagem. A *semântica* tem como foco principal o significado da mensagem entre o emissor e o receptor. E a *pragmática* tem por objetivo estudar os efeitos comportamentais da comunicação. Isto quer dizer que não só as palavras, suas configurações e significados constituem os dados da sintaxe e da semântica, mas também a linguagem do corpo e tudo que é dito de maneira não verbal.

A comunicação não é apenas uma mensagem em movimento, mas, principalmente, um estímulo, uma ação e um comando. Além disso, não só transmite informação, mas também define a relação. Segundo Fernandes (2006) a comunicação existe em todas as relações e a caracteriza como um processo dinâmico e intransferível. É um movimento dialético de ouvir e falar, em que o homem é aquilo que consegue comunicar ao outro, pois é um ser social pela sua

própria natureza. Cervený (2011, p 63) propõe que precisamos pensar em comunicação como transmissão formal por meio de canal, código, redundância, mas também em comunicação por meio do silêncio, do mal dito, dos mitos, da lealdade, dos segredos, principalmente, quando estamos lidando com um grupo como a família que está “aperfeiçoando” seu sistema particular de comunicação através das gerações.

Nas palavras de Grandesso (2011, p 38), os seres humanos são geradores de significados. O intercâmbio entre as pessoas é construído por meio da linguagem. Assim, o berço dos significados pode ser compreendido como o discurso que decorre de trocas dialógicas, na medida em que os significados se desenvolvem no espaço comum entre as pessoas.

Watzlawick, Beavin e Jackson (1973) lançam cinco axiomas que permeiam a comunicação humana, consideram que a comunicação não se restringe somente na transmissão de mensagens, mas indica modelos de interação estabelecidos entre as pessoas definindo relação. Os axiomas são:

1º Axioma – Impossibilidade de Não comunicar: não existe apenas não-comunicação. Todo comportamento tem valor de mensagem, o indivíduo não pode evitar, já ocorre por meio de gestos, fala, silêncio, mímicas e diversas outras expressões.

2º Axioma – O conteúdo e níveis de relação da comunicação: toda comunicação tem um aspecto de conteúdo e implica um comprometimento, um compromisso e por conseguinte define uma relação. Ao mesmo tempo em que transmite uma informação, impõe um comportamento.

3º Axioma – A Pontuação da Sequência de Eventos: a natureza de uma relação está na contingência da pontuação das sequências comunicativas entre os comunicadores. As pessoas pontuam os acontecimentos de acordo com o seu ponto de vista, levando a interpretações diferentes entre o emissor e o receptor. A pontuação organiza os acontecimentos comportamentais e a sequência da pontuação pode ser positiva ou negativa.

4º Axioma - Comunicação Digital e Analógica: os seres humanos comunicam digital e analogicamente. A linguagem digital diz respeito a troca de informações sobre objetos e para a transmissão de conhecimento, ou seja, corresponde a linguagem verbal, por meio da palavra. A linguagem analógica corresponde à comunicação não-verbal e abrange gestos, expressão facial, ritmo, tom de voz, movimentos corporais e qualquer outra manifestação não-verbal que esteja presente em qualquer contexto de interação.

5º Axioma – Interação Simétrica e complementar: todas as interações comunicacionais ou são simétricas ou complementares. Baseiam-se nas relações de igualdades e nas diferenças. A interação simétrica é caracterizada pela igualdade e a minimização da diferença e a interação complementar na maximização da diferença.

1.1 Problemas da comunicação

Na interação humana existem também as tentativas de comunicação que nem sempre são bem sucedidas e que muitas vezes possuem alguns obstáculos ou ruídos fazendo que os processos comunicacionais não aconteçam de maneira efetiva entre os comunicantes. Segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (1973, p. 68). É concebível que a tentativa de não comunicar exista em qualquer outro contexto em que o compromisso inerente a toda comunicação queira ser evitado.

A partir da premissa do primeiro axioma, o qual propõem que é impossível não se comunicar, a pragmática da comunicação divide essa tentativa em três reações possíveis. A rejeição da comunicação, a aceitação da comunicação e a desqualificação da comunicação.

Rejeição da comunicação: O receptor deixa explícito ao emissor de maneira verbal ou não-verbal, que não aceita a conversa proposta. A não aceitação criará um silêncio tenso e embaraçoso pelo fato de que a relação com o outro comunicante não foi de fato evitada, uma vez que os comunicantes também se comunicam de maneira não-verbal.

Aceitação da comunicação: o receptor aceita a comunicação do emissor e a partir daí se inicia a interação. Um dos comunicantes cede e aceita a conversa proposta pelo outro, não a encerra em favor do outro, ainda que seu objetivo não fosse prolongá-la.

Desqualificação da comunicação: o receptor aceita a interação com o emissor, mas tenta invalidar as mensagens. As desqualificações abrangem os fenômenos comunicacionais, como as declarações contraditórias, as mudanças bruscas de assunto, as frases incompletas, as interpretações errôneas, o estilo obscuro ou maneirismo de fala, as interpretações literais de metáfora e as interpretações metafóricas de comentários literais.

Portanto, a comunicação é um comportamento que ocorre o tempo todo e necessita de compreensão mútua, mas existem alguns obstáculos que são impostos tanto pelo emissor quanto pelo receptor e outros que são impostos por ambos, podem ser relativos aos valores, julgamentos, crenças, às experiências anteriores, ao estado emocional, etc. Além de influenciarem diretamente na qualidade da troca de informações e significados, os “matadores” da comunicação, quando utilizados, empobrecem e até mesmo terminam com conversações; conseqüentemente, impossibilitam o compartilhamento de significados.

Para Cerveny (2004, p16) os obstáculos, tanto no que se refere ao emissor quanto ao receptor, abrangem uma série de ruídos na comunicação. Serão destacadas e comentadas, a seguir, algumas proposições da autora acerca desse assunto:

“Em muitas ocasiões ouvimos aquilo que queremos ouvir e não o que realmente está sendo dito.” Os membros de uma família recebem as mensagens com diferentes significados. As queixas dos filhos podem ser ouvidas de diferentes maneiras dependendo do contexto dos pais com eles. Pode ser através de choro, silêncio, isolamento e agressões.

“As pessoas tem a tendência de ignorar informações, principalmente as novas, que entram em conflito com nossas crenças, opiniões e precondições.”

Em outras palavras, no caso de mudança, pode haver desestabilização por ausência flexibilidade.

“Quando nos comunicamos, não estamos isentos de avaliar a fonte de onde vem a mensagem e também para quem vamos transmitir.” Nessa categoria estão as promessas que nunca se cumprem, os segredos que são guardados e assim por diante. Um exemplo pode ser observado na família com crianças e adolescentes, já que eles sempre sabem avaliar a fonte comunicadora quando se trata de obedecer ordens, ou seja, sabem se o pedido é mesmo para valer ou vai ser esquecido.

“Um mesmo fato pode comunicar coisas diferentes para diferentes pessoas.” Um fato pode ter uma interpretação diferente para cada um. Um membro da família cantando, chorando, sorrindo, em silêncio pode significar coisas diferentes para os membros da família e amigos.

“As palavras podem ter significados diferentes para as pessoas.” Usamos algumas expressões que pode ter significados diferentes para as pessoas, por exemplo, quando dizemos *logo* pode ser o sentido de alguns minutos, algumas horas ou de algumas semanas.

“Enviamos e recebemos comunicações que são paradoxais e contraditórias.” Quando uma filha de 10 anos escuta dos pais que é criança para brincar com amigos e mocinha para ajudar em casa, por exemplo.

Há linguagens especializadas que tornam os quadros de referência *desiguais*. Entenda-se por linguagens especializadas: a internet, gírias, mídias. A noção dessa diferença é importante para que o emissor se ajuste as elocuições do receptor.

“Muitas vezes podemos ter comunicação verbal incoerente com a não verbal.” Equivale a dizer sim com a voz e não com a cabeça. Ou à resposta positiva para agradar um membro da família, mas a postura corporal ou o tom de voz podem revelar que não foi espontânea.

“As pessoas muitas vezes não percebem o momento oportuno para falar ou calar.” Inúmeras oportunidades de melhorar a comunicação podem ser

perdidas, quando não se presta atenção ao contexto; receptividade do contato, da hora apropriada para falar ou calar.

Numa perspectiva familiar sistêmica, direcionada à comunicação do adolescente com sua família, observo a necessidade e a importância da qualificação do diálogo. A conversação não necessita ser centralizada em processos de julgamentos e culpabilidade que dificultem a circularização da comunicação e ofereça obstáculos às redefinições propiciadoras de avanço e à compreensão e resolução dos conflitos.

Segundo Cervený (1997, p 91), muitas vezes, o medo do conflito faz que o adolescente evite perguntar ou compartilhar ideias, isso cria distanciamento e falta de confiança no relacionamento familiar e social. Problemas na comunicação contribuem para que o ser humano evite e reprima ideias e sentimentos, em vez de aprender a expressá-las e/ou processá-las, o que torna as relações cada vez mais distintas e escassas, além de corroborarem para a geração de danos na relação familiar.

Há maior probabilidade que a família, que não se comunica de maneira saudável, vivencie diversos tipos de violência. O sistema familiar é afetado pela dificuldade de comunicação, a qual gera falta de compreensão das partes e distorção das mensagens enviadas, provocando falta de ações práticas na vida cotidiana.

CAPÍTULO II – FAMÍLIA

1 - Conceito de família na visão sistêmica

Num contexto sistêmico, a Família pertence a um sistema maior. Von Bertalanffy (1997) parte do princípio que todo e qualquer organismo vivo é um sistema aberto que se mantém em um contínuo fluxo de entrada e saída de energia, que se conserva mediante a construção e a decomposição de componentes, nunca, enquanto vivo, estará em um equilíbrio químico e termodinâmico, mantendo-se em estado estacionário.

Na teoria geral dos sistemas, considera-se um conjunto de elementos que se relacionam entre si e com o meio, em busca de um resultado final; seriam complexos de subsistemas que se interagem. Essa linha compreende a família como um sistema aberto, em constante troca não só com seu meio, mas em interação com os outros e com sistemas extrafamiliares. Para Andolfi (1984), a Família é um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros.

Segundo Minuchin (1985), trata-se de um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas ligadas diretamente as transformações da sociedade, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição com um todo. O sistema familiar muda à medida que a sociedade muda e todos os seus membros podem ser afetados por pressões internas e externas. O autor se refere, ainda, à família como um grupo que apresenta padrões de interação que desempenham tarefas essenciais e se apoiam para a individuação de seus integrantes

Para Carter e McGoldrick. (1995) A família representa o espaço da socialização, de busca coletiva e estratégia de sobrevivência; local para o exercício da cidadania e de possibilidade para o desenvolvimento individual e grupal de seus membros, isso independe dos arranjos apresentados ou das novas estruturas que se formam. Sua dinâmica é própria, afetada tanto pelo desenvolvimento de seu ciclo vital, como pelas políticas econômicas e sociais.

Osório (1996) contribui ao propor que a Família possui um papel primordial no amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos. Apresenta algumas funções primordiais, as quais podem ser agrupadas em três categorias a que estão intimamente relacionadas funções biológicas, psicológicas e sociais.

Pensar em família implica em considerar que o componente de cada um de seus membros é interdependente do comportamento dos outros, assim o grupo familiar é visto como um conjunto, como uma totalidade cuja particularidade de um dos membros não basta para explicar o comportamento dos demais. Nesse sentido, a unidade familiar é um sistema composto por indivíduos que podem ser considerados sistemas por si só, além de serem também parte de um sistema, ou seja, um subsistema. Essa unidade faz parte de um sistema familiar maior que se inclui em outros sistemas mais amplos, como o sociocultural e assim por diante (Cervený 2000). Ainda, segundo a autora, a família pode ser classificada conforme é proposto a seguir:

Família de origem: ligada aos conceitos de ascendência e descendência que pressupõe laços sanguíneos.

Família Nuclear: composta de pais e filhos, mediante relação biológica.

Família extensa: relaciona-se ao parentesco por laços sanguíneos ou afinidades entre as pessoas determinadas no tempo e no espaço, além de se articular no presente.

Família substituta: Aquela que assume os cuidados de criação embora não tenha laços de parentesco.

Existem muitas vertentes pelas quais as famílias podem ser compreendidas. Além dos aspectos estruturais das etapas do desenvolvimento, são marcadas por um ciclo de vida que se modifica através do tempo. Os componentes e a própria família devem ser vistos por uma lente própria, que permita a visualização de acontecimentos e fenômenos, que viabilize a atuação diante dos desafios que surgem ao longo das gerações e em todo ciclo vital.

A família na contemporaneidade está em constante mudança. Nas palavras de Vicente (2004 p 40), mudar implica movimento, mexer-se, mover-se, desinstalar-se,

sair de um lugar de conforto para um outro lugar percebido como assustador, em certa medida, por representar perguntas sem respostas imediatas. Para um olhar atual, que identifique os processos relacionais de uma família, são necessárias mudanças nas crenças, quebra de paradigmas, novas lentes para a percepção do caleidoscópio que enfoca comportamentos de pais e filhos

2 - Ciclo Vital

Segundo Cerveny e Berthoud (1997), o ciclo vital da família oferece um panorama do desenvolvimento da vida familiar em suas diversas fases e aponta tarefas evolutivas a serem desenvolvidas pelos membros do sistema familiar, em cada uma de suas etapas. Os eventos do ciclo de vida familiar são provavelmente universais, por estarem ligados basicamente a estágios biológicos (nascer, crescer, procriar, envelhecer e morrer). Não são rígidos, mas, no momento em que esses acontecimentos dão lugar às transições, os temas, os rituais e todo funcionamento da família são influenciados pela cultura. São momentos que os relacionamentos atravessam com maior ou menor intensidade. Essas etapas do ciclo vital descritas pela autora abrangem a família brasileira. São elas: Família na fase de aquisição, Família na fase adolescente, Família na fase madura e Família na fase última.

A Fase de Aquisição é considerada a primeira fase do ciclo vital da família e inicia-se com a escolha do parceiro, a união formal ou informal, a chegada do primeiro filho e a vida com filhos pequenos. Essa fase corresponde à aquisição tanto no sentido patrimonial, formas de relacionamento e definição de novos papéis de cada um de seus membros. Incluem-se jovens que acabam de se formar e deixam as casas paternas, casais que estão em segunda ou terceira união, casais de adolescentes grávidos que permanecem morando na casa dos pais, famílias homossexuais, monoparentais e outras que tem em comum estarem iniciando uma nova família. É uma fase que está conceituada por meio da união, da construção da vida a dois e da parentalidade.

A Família em Fase Adolescente se caracteriza pela profunda transformação de todos os membros. De um lado, os filhos adolescentes experimentam mudanças físicas, hormonais e emocionais e, do outro, os pais em transformação.

A característica principal dessa fase é a busca de novos significados existenciais e de novos papéis a serem assumidos no contexto familiar e social. Desse modo a família adolescente vivencia a reconfiguração entre pais e filhos e a vivência de um novo ritmo de vida. Na concepção de Cerveny (1997), nessa etapa do ciclo de vida, a família com filhos adolescentes passa por um processo emocional de transição. Durante esse processo, procura alterar alguns padrões de relacionamento. Para que uma família com filhos adolescentes mude esses velhos padrões, é preciso que aumente a flexibilidade das fronteiras para incluir a independência dos filhos e as fragilidades dos avós.

Algumas mudanças de segunda ordem no status da família são necessárias para se prosseguir o desenvolvimento mental nessa fase. É preciso modificar o relacionamento progenitor-filho para permitir ao adolescente movimentar-se para dentro e para fora do sistema.

A *Fase Madura* é a terceira fase, na qual os filhos estão na fase adulta, assim como os pais. A família apresenta, nesse momento, algumas características que envolvem mudanças, tais como: a inclusão da geração e parentes por afinidade, a saída do primeiro filho de casa, cuidados com a geração mais velha e transformações dos relacionamentos entre cuidadores e cuidados, os significados e função do casamento. Essa fase do ciclo vital é caracterizada por uma situação de transição, que implica perda de membros da família nuclear para que novas famílias possam nascer.

Cerveny (1997) ressalta que, na fase da maturidade, adultos, pais e filhos desenvolvem suas interações, organizam e desorganizam, integram e desintegram, constroem e desconstroem padrões, normas, regras, valores e crenças familiares. Preenchem as lacunas de seu desenvolvimento com fatos que se perpetuam de forma intergeracional, transmitidos pelas lealdades de vínculos, afetos e sangue.

A *Fase Última* constitui o ciclo final descrito por Cerveny. É um momento de mudanças fundamentais visto sob dois aspectos: ruptura e continuidade. A *ruptura* está ligada ao rompimento com os laços do trabalho formal, uma relação de duração de 30 anos de serviço, bem como a perda da autonomia, tão comum na velhice. E a *continuidade* familiar está preservada nos filhos.

Essa fase pode ser um momento de reflexão sobre a família que se formou, ou de balanço para todos os membros. Quando a primeira geração precisa de cuidados ocorre um movimento na dinâmica familiar, no qual a segunda geração precisa se empenhar em olhar para a frente e cuidar de seus filhos e netos, ao passo que necessita, também, olhar para trás e cuidar de seus pais. Nessa fase, alguns fenômenos são encontrados, tais como: realizar a retrospectiva, viver o presente e fechar o ciclo.

A análise do ciclo vital mostra o movimento da família ao longo do tempo, com um olhar no passado e no futuro, compreendendo sua história por meio dos laços, crenças e tradições que permeiam as diversas gerações e compõem o sistema familiar.

3 - A família em fase adolescente

A ênfase deste trabalho será concentrada nesta fase do ciclo vital, por ser justamente o estágio em que se encontram as clientes que atendo na clínica e por ser o meu assunto de interesse na monografia. De acordo com Carter e McGoldrick (1995), o ciclo vital da família com filhos adolescentes marca um período bastante diferente das outras etapas. Os desafios experimentados tornam-se ainda maiores pela falta de rituais que demarquem o período e o definam de forma clara; tanto para o jovem quanto para os familiares, prolongando consideravelmente o período da adolescência, em que se deseja o início como o ingresso para um novo mundo (pais e filho). O fim parece marcado de grupo para grupo como eventos particulares. Mas o adolescente permanece nesta etapa por tempo indefinido, como que “esticando” alguma imaturidade, corroborada pela proteção familiar.

De acordo com Fishman (1993), a adolescência surgiu como entidade psicossocial, para satisfazer uma necessidade e é uma criação de forças sociais que operam na cultura contemporânea. Assim não pode ser considerada separadamente de seu contexto social. Para esse autor, o meio social emerge o adolescente, o adolescente com problemas numa família cumpre a função de evidenciar que há problemas no sistema.

Segundo Cerveny (2002), a fase adolescente é marcada por intensa transformação, a qual afeta todos os membros da família, já que nesse período as crises evolutivas geram uma forte necessidade de mudanças familiares. São vivenciados processos fundamentais que consistem na reconfiguração das relações pais e filhos e ocasionam novo ritmo de vida familiar; reajustes são necessários, visto que provocam um intenso desequilíbrio nos padrões de vida estabelecidos e construídos anteriormente.

Para a autora, a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos torna-se necessária. Os adolescentes trazem uma gama de valores, atitudes e ideias nova à família. Por isso, mudanças devem ocorrer em favor do desenvolvimento. Famílias muito rígidas tendem a ter mais problemas e disfunções maiores. Além disso, podem experimentar dificuldades ao identificar as novas necessidades e ao se readaptarem a essas situações. Mudar o relacionamento pai e filho contribui para que o filho se movimente para dentro e fora do sistema.

O adolescente precisa se tornar responsável por suas próprias decisões e ao mesmo tempo sentir segurança na orientação dos pais. Pois estão na fase da transformação do Eu, criando sua identidade, transformação do Eu físico, da sexualidade, que incluem tomada de decisões e autonomia.

CAPÍTULO III – ADOLESCÊNCIA

1 - Conceito de Adolescência

A palavra *adolescere* origina-se do latim e significa “crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade” (Tiba, 1985 in Scivoletto). O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira, 1975) define que o adolescente é aquele que está no começo, que ainda não atingiu todo o vigor.

A adolescência pode ser vista como uma etapa bem definida e de extrema importância no processo de crescimento e desenvolvimento do ser humano, cuja principal característica é a transformação de mudanças físicas e psíquicas do indivíduo inserido nas diferentes culturas.

Para sociologia, a adolescência estaria na dependência da inserção do homem na cultura, variando segundo cada uma delas. Já antropologia enxerga como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, envolvida por rituais de passagem e iniciação, presentes em diversas culturas. O direito define essa fase baseado nas questões de maioridade e menoridade, que variam de acordo com a legislação vigente, Scivoletto (2012).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) lei 8060 de 1990, define adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º) e, em casos excepcionais, quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigo 121 e 142). O adolescente pode ter o voto opcional como leitor e cidadão a partir de 16 anos. O termo “menor” fica subentendido para menores de 18 anos.

Na área de medicina, entende-se a adolescência como período no qual ocorre o processo de crescimento e desenvolvimento corporal, caracterizado por transformações biopsicossociais, que se iniciam na puberdade e terminam no final da segunda década da vida. A OMS (organização Mundial da Saúde) define como adolescente o indivíduo na segunda década de vida, ou seja, entre 10 e 19 anos, podendo variar nas diferentes culturas.

Após a revolução Industrial o conceito de adolescência ganhou força com a evolução do conhecimento humano e o estudo do desenvolvimento biopsicossocial, assim foi possível diferenciar as fases do desenvolvimento de um indivíduo. Muitas vezes, ainda que empregados como sinônimos, adolescência e puberdade não significam a mesma coisa. Puberdade origina-se do latim *pubertas*: Idade fértil, que figura o conjunto de transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual.

Nas transformações fisiológicas, inicia-se a produção de maiores níveis de hormônios: testosterona, estrógeno e progesterona. Isso evidencia o aparecimento de caracteres secundários. Nos meninos, aumento dos testículos, desenvolvimento de pelos pubianos, produção de espermatozoide, mudança de voz, primeira ejaculação, impulso sexual. Nas meninas, broto mamário, aumento inicial dos seios, aparecimento de pelos, menstruação, impulso sexual, entre outros. O púbere se sente, muitas vezes, desconfortável com essas modificações físicas, as quais podem ser fatores geradores de estresse. Esse processo se encerra com o completo desenvolvimento físico, parada do crescimento e aquisição de capacidade reprodutiva.

Osório (1989) define a adolescência diferenciando-a da puberdade. Esta última compreendida por processos biológicos e mudança corporal, marcada pela menarca e outros caracteres sexuais secundários, na mulher, e a primeira ejaculação e caracteres sexuais secundários no homem. A própria expressão puberdade é relativa ao surgimento de pelos. Segundo o autor, trata-se de momento específico que os filhos experimentam enquanto período de transição, transformação e mudanças em direção à idade adulta. Características peculiares perpassam as diferenças culturais e regionais de cada grupo, assim como as mudanças propriamente ditas, tal como as alterações físicas e hormonais.

O autor aborda o fenômeno biológico inerente às mudanças morfológicas e fisiológicas (forma, tamanho e função) com características de variabilidade e diversidades no tempo de início, duração e progressão de desenvolvimento, com marcantes diferenças entre os sexos e os diversos grupos étnicos e sociais de uma população.

Antes do início da puberdade corporal, inicia-se também de maneira lenta e progressiva, o processo de modificações mentais. Surgem novas características cognitivas, o adolescente começa a elaborar os acontecimentos de forma mais complexa e madura.

Diferente do pensamento da criança, que possui o pensamento abstrato, o adolescente pode pensar sobre situações abstratas e correlacioná-las, empregando sua nova capacidade de generalização ou de síntese. O adolescente começa abstrair várias possibilidades, ligando acontecimentos do passado com informações que ouviu de outras pessoas e fazer suas próprias interpretações. A evolução do pensamento é mais elástica que a corporal, podendo regredir em alguns momentos, quando estiver sob forte tensão.

A adolescência tem como principal tarefa a construção da identidade própria, sua imagem e o papel social. Nessa busca por identidade e independência, surgem questionamentos: *Quem sou eu? Sou afetivamente importante para alguém?* Neste desenvolvimento, alguns adolescentes progridem sem grandes convulsões, com a possibilidade de estar numa situação de equilíbrio entre o que pensam, sentem e percebem no ambiente. Entretanto, existem aqueles que ficam inseguros e se isolam para se protegerem, passando por um período de sofrimento até alcançarem a reorganização. Essa passagem brusca oferece pouco tempo de adaptação e pode precipitar uma crise.

Devido as estruturas cerebrais responsáveis pela percepção temporal, que estão em amadurecimento, o adolescente vive o imediatismo e valoriza o presente. Todavia, quando passa por uma situação nova, que precisa ser enfrentada, pode sentir tanto alegria como sofrimento por não saber controlar a situação. É uma fase de vulnerabilidade e como forma de defesa, muitas vezes, adota uma postura agressiva. Quanto mais vulnerável o adolescente se sentir, mais agressivo fica. Isso explica o uso frequente da expressão “aborrecente”.

Nessa fase, o grupo de amigos se torna importante, pois estão todos em busca de auto afirmação e, segundo Scivoletto (2012 p. 80), procuram por uma identidade própria. Para deixar de ser filho de alguém, o adolescente busca a turma, que se confunde com sua própria identidade, na tentativa de pertencer a um grupo diferente

de sua família. Na turma, todos estão na mesma fase de buscar; olhar o outro facilita o processo. Posteriormente, com a proteção desse novo grupo, o adolescente sai à procura de sua identidade profissional e social. Precisa se sentir bom e reconhecido por alguma coisa que faça, se não o for pelo lado positivo, pode adotar posturas negativas.

Durante essa fase, o adolescente fará suas descobertas sexuais. Está muito mais voltado ao próprio corpo, descobrindo-se sozinho através da masturbação, com impulsos sexuais vividos nas fantasias. O sexo oposto, ainda que desejado, é temido por ser desconhecido. Desse modo, o adolescente adota como forma de descoberta o “ficar”, pois experimenta o medo da rejeição e de se envolver emocionalmente.

Na perspectiva de Scivoletto (2012), a aproximação do adolescente se deve principalmente à atração física. Aos poucos, quando também sua identidade sexual já está mais amadurecida, passa a buscar outras características no outro, conseguindo se relacionar não só com um corpo físico, mas também com emoções alheias e com as próprias.

Na nossa sociedade atual, por volta de 17 ou 18 anos, as transformações físicas se completam, habilidades cognitivas são familiares, o ambiente começa parecer menos ameaçador. O processo de definição da identidade continua por alguns anos e o adolescente necessita de pré-requisitos para ganhar o status de adulto, como, por exemplo, ser capaz de se encarregar do seu próprio destino, se colocar numa relação afetiva com uma pessoa e não como parte da turma, ser independente economicamente, entre outros. Se envolve também, nesse processo, com aspectos que confrontam questões sociais, políticas, religiosas, filosóficas, econômicas e profissionais. Nesse momento, a adolescência se aproxima do final.

2- Adolescência e Perspectiva Sistêmica

A perspectiva sistêmica constitui um importante recurso para a compreensão do comportamento humano, a ampliação do foco de análise. Nessa perspectiva, a conduta de um adolescente reflete, além de suas características de personalidade,

seus anseios e conflitos pessoais. O comportamento de um indivíduo é concebido como parte de um jogo relacional complexo, composto por vários outros indivíduos, contexto e regras de conduta. No qual o adolescente e toda a família passam por transformação.

Consiste num processo psicossocial marcado por processos de mudanças de papéis, exigências, interesses e relações dentro e fora da família. O referencial social é mais amplo, incluindo grupos de referências e os companheiros, Cervený (1997 p.80). Como fase do desenvolvimento, as características são universais e inevitáveis. É da natureza do homem e de seu desenvolvimento passar por uma fase, como a adolescência.

As características desse período, tanto biológicas quanto psicológicas, são naturais. Rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, tendência à bagunça, hormônios, tendência à oposição, lutos e crises, desenvolvimento do raciocínio lógico, busca da identidade e independência, tendência grupal, necessidade de fantasiar, crises religiosas, flutuações de humor e contradições sucessivas. Todas as características são equiparadas e tratadas da mesma forma, porque são da natureza humana.

Trata-se de uma etapa criativa, excitante e tumultuada do ciclo vital familiar. Por acarretar novas expectativas e demandas, as características dessa fase desafiam a estabilidade do sistema familiar. Ao empreenderem sua individualização os jovens repudiam valores, questionando-os e desafiando normas. Embora seja uma fase de fundamental importância na constituição do ser humano, pode proporcionar distúrbios súbitos aos padrões familiares.

Caracterizada por diversas mudanças ou crises, cujas resoluções determinam, em grande medida, a qualidade da vida adulta, a adolescência provoca uma alteração na organização, de modo que os recursos habituais se tornem insuficientes ou inadequados para enfrentar situações, o desenvolvimento é atingido com a aquisição de novos instrumentos. Todavia, a negociação deve ser frequente e a família precisa de criatividade e flexibilidade para manejá-la.

Segundo Minuchin (1990), enquanto o adolescente se depara com o desafio de começar a tomar suas próprias decisões e assumir maior responsabilidade sobre

seus atos, os pais são desafiados a gradativamente delegarem responsabilidade. Não é apenas o adolescente que está se transformando, mas todo o sistema familiar. As mudanças físicas e psíquicas dos filhos coincidem com mudanças dos pais, que estão na meia idade. Fase que solicita adaptação e reorganização para lidar com os adolescentes que estão iniciando sua autonomia e independência no que tange a um maior controle nas decisões de sua própria vida. Se por um lado, apresentam interesse pela exploração do mundo externo e por testar sua independência, por outro, é igual a necessidade de se sentirem protegidos e de serem educados. Esse constante conflito entre dependência e independência confunde e desafia tanto o adolescente como a família.

Na visão de Becker (2003, p. 40), a capacidade de abertura e reflexão desses pais, a maneira com que lidam com seus próprios conflitos e a compreensão que tiveram com relação aos conflitos dos filhos é que vão determinar a sua reação perante o adolescente. O uso da violência, da repressão e do autoritarismo e, por outro lado, a falta total de limites com a satisfação de todos os desejos e caprichos podem criar sérias dificuldades ao desenvolvimento da personalidade. No entanto, se houver uma atitude equilibrada e sobretudo compreensiva por parte dos pais e também dos filhos, pode surgir entre eles um novo relacionamento respeitoso e amigo.

O período de questionamento deve ser aproveitado pela família. Os debates podem acontecer e são sadios, pois estimulam o desenvolvimento de um adulto crítico e participativo. A realidade não é apenas difícil, como também complexa de ser presenciada nos lares. Em decorrência de alguns fatores sociais, culturais e históricos de família, o adolescente pode ser desvalorizado em prol de uma educação autoritária. Aqueles que percebem seus filhos como participantes no seu meio terão adultos sujeitos do seu destino e não objeto da sociedade.

De acordo com Scivoletto (2012, p 78), a adolescência é uma fase de grande vitalidade física e mental, em que os adolescentes precisam de oportunidades para extravasar toda sua energia. Quanto menos oportunidades tiverem, maior será a sensação de opressão e maior a necessidade de lutar para quebrar essas resistências.

CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1 – Método de Pesquisa

Uma vez que a finalidade deste trabalho é a investigação e a compreensão de como os problemas de comunicação afetam as relações entre a família e o adolescente, realizei uma pesquisa qualitativa, pois o fenômeno a ser estudado refere-se a uma experiência à qual são atribuídos significados subjetivos.

A pesquisa foi qualitativa, com a orientação sistêmica. Haja vista que investigador e investigado fazem parte de um processo ativo e dinâmico, abrindo espaço para a conversa flexível, em que os valores, as crenças e pensamentos são colocados à tona, a fim de construir significados. Diante dessa flexibilidade da pesquisa qualitativa, tive o intuito de abordar a diversidade de modelos familiares. Por meio de muitas vivências e experiências, cada um constrói seus significados diante do seu conhecimento.

Gonzáles (2002:72) propõe que:

“A pesquisa qualitativa é um processo permanente de produção de conhecimento, em que os resultados são momentos parciais que se integram constantemente com novas perguntas e abrem novos caminhos à produção de conhecimento. Cada resultado está imerso em um campo infinito de relações e processos que o afetam, nos quais o problema inicial se multiplica em infinitos eixos de continuidade da pesquisa.”

O fragmento supracitado contribui para ampliar a visão dessa pesquisa. Que se encaminha a um estudo mais amplo e completo, cujo foco são os processos que criam e sustentam essas realidades construídas com base na intersubjetividade familiar.

2 – Participantes

Participaram dessa pesquisa 3 adolescentes. Os critérios para identificação das participantes foram: aceitação da carta-convite demonstrando interesse pelo tema e a partir daí a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2).

Segue a apresentação. Os nomes registrados são fictícios, para salvaguardar a identidade das entrevistadas.

Adolescente 1 – Claudia tem 13 anos, cursa o Ensino Fundamental II. Filha única, Pai com 45 anos de idade, Bombeiro e mãe com 42 anos de idade, enfermeira. A família é evangélica.

Adolescente 2 – Vitória tem 17 anos, estudante do Ensino Médio. É a filha do meio, tem um irmão de 14 e outro de 22 anos. Seu pai tem 49 anos e é Empresário, sua mãe tem 45 anos e é Do Lar. A família é evangélica.

Adolescente 3 – Paula tem 15 anos, é estudante do Ensino Fundamental II. A filha caçula, com um irmão de 25 anos. Seu pai tem 66 anos, é Arquiteto, a mãe, Funcionária Pública, tem 54 anos. A Família é católica.

3 - Instrumentos

Um roteiro de perguntas de identificação contribuiu para a obtenção de informações básicas, tais como nome da adolescente, idade, escolaridade. Nome, idade e profissão dos pais, além de religião da família.

Na sequência, foi realizada a entrevista semiestruturada para coleta de dados sobre o tema, com data e local previamente combinados. A duração total foi de aproximadamente uma hora; outro roteiro favoreceu a realização de perguntas abertas e reflexivas. Foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para auxiliarem na análise dos dados em conjunto com as referências bibliográficas. A partir das entrevistas, o intuito foi observar e estudar os aspectos relacionais e contextuais, já que o objetivo não é mensurar os dados a serem colhidos e sim entendê-los no seu significado para os adolescentes.

4 – Procedimento

Cabe salientar que as entrevistas foram realizadas com três das minhas clientes, com a devida autorização de seus responsáveis, as quais respondem aos critérios propostos por este estudo, por um período aproximado de uma hora, em um único dia.

As participantes e seus responsáveis foram informados pelo documento designado – termo de consentimento livre e esclarecido – sobre a pesquisa. O termo foi entregue aos entrevistados em duas vias idênticas. Este termo foi lido com os participantes a fim de esclarecer sobre a gravação da entrevista e firmar o compromisso de apagá-la assim que transcrita. Preceitos éticos foram respeitados, haja visto o uso dos nomes fictícios para não identificar os participantes.

O procedimento proposto às clientes teve caráter voluntário de sua participação. Entende-se que a proposta do trabalho foi de baixo risco, propiciando ainda uma reflexão às participantes.

5 – Análise de dados

Os dados coletados mediante as entrevistas com as adolescentes foram analisados segundo a visão sistêmica. Possibilitaram uma análise de conteúdo das conversações. Para a análise dos dados foram feitas a transcrição e organização do conteúdo das respostas em relação aos objetivos da pesquisa.

6 – Cuidados Éticos

As participantes foram informadas pelo documento designado – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – sobre a pesquisa, a pesquisadora e a instituição, bem como, acerca do caráter voluntário e da possibilidade de sua participação ser retirada em qualquer, sem que isso ocasione dano ou prejuízo. O documento foi lido e entregue às participantes em duas vias idênticas, propiciando o conhecimento da gravação da entrevista, firmando o compromisso de apagá-la assim que transcrita e assegurando a preservação de suas identidades.

CAPÍTULO V – ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

A seguir será exposta análise dos resultados das entrevistas. Conforme já foi mencionado, os nomes apresentados são fictícios, com a finalidade de preservar a identidade das participantes.

1 – Identificação dos entrevistados

QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES			
Dados	Adolescente 1	Adolescente 2	Adolescente 3
Nome	Cláudia	Vitória	Paula
Idade	13 anos	17 anos	15 anos
Profissão	Estudante	Estudante	Estudante
Escolaridade	Ensino Fund. II	Ensino Médio	Ensino Fund. II
Quantidade de Irmãos Idade	Não Tem	2 14 / 22 anos	1 25 anos
Idade Mãe / Pai	42/45 anos	45 / 49 anos	54 anos / 66 anos
Profissão Mãe / Pai	Enfermeira/Bo mbeiro	Do Lar/Empresário	Funcionária. Pública/Arquiteto
Religião Mãe / Pai	Evangélicos	Evangélicos	Católicos

2 - Resultados das entrevistas

1- O que você acha que seja comunicação? Ela é importante para você?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>A comunicação existe em todas as relações. Todo comportamento humano é uma comunicação, falar, ouvir, gesticular e até mesmo estar em silêncio.</p> <p>A comunicação é um processo através do qual os seres humanos compartilham informações. Essas informações se iniciam logo ao nascer, no primeiro grupo local, a família. A família tem papel fundamental no modo como o indivíduo se constitui e como interage e se comunica. (Piszezman 1999)</p>	Definição de Comunicação	<p>Comunicação para mim é interagir com o outro. Para mim é importante para podermos nos expressar, falar sobre os sentimentos.</p>	<p>Para mim comunicação é diálogo entre todos que vivem perto de mim. Sim. É muito importante apesar da dificuldade da minha família.</p>	<p>Comunicação é o ato de se comunicar, de se relacionar, de trocar informações. Ela é importante não só no relacionamento da família, mas também para a humanidade que surgiu da comunicação. Ela é importante dentro da família porque consegue resolver muita coisa, mas muitas vezes ela é difícil.</p>

2- Qual é forma mais habitual que você tem para se comunicar?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>A comunicação não se restringe somente na transmissão de mensagens, mas é indicadora dos modelos de interação estabelecidos entre as pessoas definindo as relações</p> <p>Os seres humanos se comunicam de forma digital e analógica.</p> <p>(Watzlawick, Beavin e Jackson 1973)</p>	Formas de Comunicação	Através da conversa e quando não consigo me expressar direito fico emburrada ou triste.	Na minha família é na briga ou no silêncio. Não há conversa, na hora da raiva falamos coisas que magoam. Existem as brigas para descontar a raiva que está dentro de nós. E a minha maior dificuldade é a minha mãe.	Tenho receio de falar com meus pais, sinto que não vou ter o apoio necessário. Às vezes, falo, mas acabo brigando, ai fico emburrada e vou para o meu quarto. E eles nem sabem como eu fico depois.

3- Você sente que tem alguma dificuldade de comunicação? Qual seria?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>A comunicação existe em todas as relações, caracterizando como um processo dinâmico e intransferível. É um movimento de ouvir e falar, em que o homem é aquilo que consegue comunicar ao outro, pois é um ser social pela sua própria existência.</p> <p>(Fernandes 2006)</p>	Dificuldade na comunicação	Sim. A minha dificuldade é de não conseguir dizer o que sinto.	Sim. Tenho facilidade para estourar e dificuldade para falar, porque minha mãe nunca foi minha amiga, é como se fosse uma relação de estranho e com os outros membros da família também, está melhorando um pouco agora que consigo conversar com meu irmão que casou e passou pelas mesmas dificuldades.	Não sei. Às vezes acho que sou bipolar. Com minhas amigas da escola e do prédio sou comunicativa. Já dentro de casa com minha família tenho dificuldade de falar. Sinto que com meus pais é mais difícil de me abrir.

4- Você participa de alguma rede de comunicação por intermédio da internet?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
A comunicação é permeada por algum tipo de linguagem e permite ao homem a aproximação, sem que seja necessária a presença física. (Lopes 2004)	Comunicação pela Internet	Sim. Participo do Facebook, instagram e Whatsapp. Uso mais o Whatsapp e falo bastante com minhas amigas.	Sim. Participo do Facebook, Whatsapp. Falo mais com amigos.	Sim. Participo do Whatsapp, tenho Instagram de um personagem que eu gosto. Já o Facebook não tenho. Eu abomino. Porque muitos usam para ostentação e eu não gosto de me expor na internet.

5- Quais são suas redes sociais de apoio para enfrentar um problema?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1	Adolescente 2	Adolescente 3
		Claudia	Vitória	Paula
<p>Adolescência é marcada por processos de mudanças de papéis, exigências, interesses e relações dentro e fora da família, em que o referencial social é ampliado, incluindo grupos de referências os companheiros.</p> <p>(Cerveney 1997)</p>	Rede Social	São minhas amigas, minha prima Mayla de 15 anos e meu pai.	Meu amigo da Bahia, conversamos pelas redes sociais, minhas amigas da escola, em especial a Carol, meu tio do RJ e a família da Adriana que são meus vizinhos e frequento a casa dela desde pequena. Eles me ajudam muito. Chamo os dois de pai e mãe.	Poucas pessoas. Acho que sou difícil para falar. Tenho poucas pessoas que confio. Preciso de muita intimidade para falar dos meus problemas. Mas tenho quatro amigas que conto um pouco e dentro de casa falo pouco para o meu irmão.

6- Você costuma conversar sobre suas ideias, sentimentos e expectativas da vida com a sua família?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>A maioria das queixas que levam as pessoas a terapia refere-se à dificuldade da comunicação. Indivíduos que não se sentem ouvidos ou entendidos, que não conseguem expressar seus sentimentos e desejos, que se submetem ou se violentam por causa da comunicação que se pautam mais pelo que não é dito, que não confiam nas palavras são apenas alguns dos inúmeros exemplos de problemas de comunicação nas relações humanas, e que estão presentes nos lares. (CERVENY, p. 13-14)</p>	<p>As expectativas da vida</p>	<p>Converso mais ou menos. Quando eu falo alguma coisa que eu penso minha mãe discorda e briga comigo. Eles não compreendem.</p>	<p>Não. Porque eu não gosto e tenho dificuldade. Ninguém pergunta e eu também não falo.</p>	<p>Não. Quase nada. Acho chato, gostaria de uma intimidade maior, uma boa relação com a família, mas não tem. Porque se tivesse uma intimidade não teria muito intriga. Mas quando falo das minhas ideias, falo com meu irmão, mas pouco. Não consigo chegar nos meus pais, porque se eu falar vão me questionar e eu não quero.</p>

7- Além de seus familiares você costuma conversar com mais alguém a respeito de seus problemas? Com quem? Como? Quando? Por quê?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>Adolescência é um processo biopsicossocial compreendido pelas alterações experienciadas pelo jovem desde a puberdade. Marcada por processos de mudanças de papéis, exigências, interesses e relações dentro e fora da família, em que o referencial social é amplo, incluindo como grupo de referência com companheiros.</p> <p>(Cerveney 1997)</p>	<p>Interação Social</p>	<p>Sim converso com minhas amigas, falando o que estou sentindo e o que aconteceu para eu estar daquele jeito.</p> <p>Converso quando estamos na escola,</p> <p>Porque acho que por elas serem da mesma idade que eu, vão me entender.</p>	<p>Sim. Com alguns amigos na escola. Me desabafo com eles, porque muito deles também passam pela mesma dificuldade de comunicação com a família.</p>	<p>Converso com algumas amigas da escola e do prédio.</p> <p>Quando estou precisando desabafar, elas percebem que não estou bem, que estou precisando de ajuda e de me desabafar.</p> <p>Porque fico chateada, fico brisando, olhando para o nada. E porque elas acabam me ajudando um pouco naquela hora.</p>

8- Você se sente compreendido por seus familiares?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1	Adolescente 2	Adolescente 3
		Claudia	Vitória	Paula
<p>As famílias podem dificultar ou facilitar a comunicação entre os seus membros.</p> <p>As famílias com fronteiras flexíveis permitem que o adolescente possa tramitar e experimentar-se sua independência.</p> <p>(Cervený)</p>	Família	<p>Não, pois eles não entendem o que eu sinto, até entendo que seja porque não consigo me expressar, mas as vezes dá para perceber o que uma pessoa está sentindo.</p>	<p>Pela minha mãe não. Pelo meu pai um pouco mais. E na família da minha mãe tenho um tio que gosto muito e sinto que ele me compreende. E a minha avó paterna também gosto de conversar com ela, mas só que ela acaba contando para a família e ai fico chateada.</p>	<p>Acho que não. Minha mãe força a barra. Tudo que faço ela questiona, nunca me protege, ela acha que estou sempre errada, nem me deixa falar.</p> <p>Meu pai é mais compreensivo. E o meu irmão compreende melhor, porque ele diz que já passou por isto que estou passando.</p>

9- De que maneira você resolve seus problemas familiares?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>Atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem, influencia outros e estes outros que, por sua vez, não podem não responder que essas comunicações e, portanto também estão comunicando. Deve ficar claramente entendido que a mera ausência de falar ou de observar não constitui uma exceção(..)</p> <p>Tampouco podemos dizer que a comunicação só acontece quando é intencional, consciente ou bem sucedida, isto quando ocorre uma compreensão mútua. (Watzlawisck 1973)</p>	<p>Resolução de Problemas Familiares</p>	<p>As vezes conversando. Mas muitas vezes eu e minha mãe acabamos brigando.</p>	<p>Tenho muita dificuldade. Fico na minha e guardo para mim. Resolvo através do silencio ou da explosão.</p>	<p>Aprendi um artifício com meu irmão que é ir para o quarto para não ter problemas. Por que é só sair do quarto e sentar no sofá que a minha mãe já implica e arruma briga com alguma coisa. Ela provoca meu pai e ai gente briga e fico emburrada. Minha mãe deveria pensar no que ela fala. Eu e minha mãe temos muito conflitos Tudo que ela fala eu questiono e tudo que eu falo ela questiona Portanto prefiro o silêncio do quarto do que as brigas.</p>

10- Na sua família, com qual pessoa você tem mais facilidade para comunicar sobre seus problemas? Por quê?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>A comunicação não é apenas uma mensagem em movimento é principalmente, um estímulo, uma ação e um comando. Ela não só transmite informação, mas também define a relação. Segundo Fernandes (2006) a comunicação existe em todas as relações caracterizando como um processo dinâmico e intransferível. É um movimento dialético de ouvir e falar, em que o homem é aquilo que consegue comunicar ao outro, pois é um ser social pela sua própria natureza</p>	<p>Facilidade de Comunicação Na família</p>	<p>Com meu pai, pois ele é mais calmo e sabe me ouvir melhor.</p>	<p>Ninguém. Tenho dificuldade com todos. Meu pai preocupa comigo, mas trabalha muito. No momento comunico um pouquinho mais com meu irmão que casou faz pouco tempo.</p>	<p>Meu irmão. Mas é bem pequena. Ele me ouve e não me questiona por tudo e nem fica brigando por tudo.</p>

11- Na sua família, com qual pessoa você tem menos facilidade para comunicar sobre seus problemas? Por quê?				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Cláudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>Famílias muito rígidas tendem a ter mais problemas e disfunções maiores, vindo a experimentar dificuldades ao identificar as novas necessidades e ao se readaptarem a essas situações. Há a necessidade de mudar o relacionamento pai e filho, permitindo movimento para dentro e fora do sistema.</p> <p>Cerveney (2002)</p>	<p>Dificuldade de Comunicação na Família</p>	<p>Com minha mãe, pois eu acho que ela é estressada e não sabe me ouvir.</p>	<p>Minha mãe. Ela é muito difícil. Não é fácil lidar com ela, desde pequena tenho dificuldade com ela. Ela não vê o meu lado. Só vê o lado dela.</p>	<p>Com a minha mãe. Porque nós entramos em conflito em tudo. Qualquer coisa que falo, ela me coloca na parede. Diz que estou errada, sem saber o que aconteceu. Aprendi a não falar as coisa para ela. Eu não gosto de falar nada com a minha mãe. Ela é estranha e não me escuta.</p>

12- Existe alguma coisa que você gostaria de mudar em relação a comunicação entre você e sua família, Qual? Por quê? Explique.				
TEORIA	TEMA	Adolescente 1 Claudia	Adolescente 2 Vitória	Adolescente 3 Paula
<p>A fase adolescente é marcada por intensa transformação que afeta todos os membros da família, já que nesse período as crises evolutivas geram uma forte necessidade de mudanças familiares. Sendo que a família passa por processos fundamentais, que consistem na reconfiguração das relações pais e filhos e um novo ritmo na vida familiar, que necessitam de reajustes, já que provocam um intenso desequilíbrio nos padrões de vida estabelecidos e construídos anteriormente. Cerveny (2002)</p>	Mudanças	<p>Sim. Mudaria a forma de me comunicar com minha mãe, porque ela não sabe conversar, não sabe me escutar. Se não consigo expressar, ela fica estressada, já fala alto, grita e eu também grito com ela.</p>	<p>Gostaria que tivesse diálogo em casa, tudo que fossemos fazer em casa poderíamos conversar com o outro. Um ajudando o outro. Não tem isso em casa.</p>	<p>Gostaria sim com certeza. Gostaria de mudar nossa relação em casa. Nós só brigamos. Para mim é um saco estar na escola e também é um saco chegar em casa. Gostaria de chegar em casa e falar sobre o meu dia. Acho interessante ter uma intimidade maior e diminuir as brigas. Mas em casa não tem. Meu maior sonho é que todos pudessem jantar juntos e conversar, mas cada um pega o seu prato e come em separado e quando tentamos comer juntos sempre tem discussão.</p>

3 - Análises dos resultados

Essa pesquisa se direcionou a verificar a comunicação na família com filhos adolescentes. Neste momento, passo à análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas com as três adolescentes a fim de promover um diálogo entre a teoria exposta no trabalho e os dados obtidos nas entrevistas.

O primeiro ponto de análise se refere às expectativas das adolescentes no âmbito da comunicação. Nas perguntas 1,2 e 3 foi perguntado o que vem a ser comunicação, qual a forma mais habitual de se comunicar e qual a importância para elas de se comunicarem. Observei que os elementos que se apresentam, de forma geral, em todas as respostas, refletem a comunicação como forma de diálogo, interação, troca de informações, possibilidade de expressar os sentimentos e comunicação como resolução de conflitos. No entanto, quando questionadas sobre a forma habitual de se comunicar dentro da família, mostraram uma enorme dificuldade de colocar em prática aquilo que foi dito sobre o que é comunicação. Disseram que muitas vezes se calam, ficam emburradas, brigam, ficam isoladas em seus quartos e acabam usando o silêncio, porque não conseguem dizer o que sentem dentro da família, principalmente com os seus pais. Para Piszczman (1.999) todo comportamento humano é uma comunicação, falar, ouvir, gesticular e até mesmo estar em silêncio. Diante das palavras da autora o comportamento das adolescentes a meu ver é bastante pertinente, pois quando não se sentem compreendidas, ou quando não conseguem entender o que os pais têm a dizer, comunicam-se por meio do silêncio e do isolamento, entre outras formas. Para ilustrar posso utilizar as palavras das entrevistadas. A Adolescente 2 diz: *“Na minha família é na briga e no silêncio. Não há conversa”*, e a adolescente 3: *“Prefiro o isolamento do quarto do que as brigas”*.

Outro ponto forte observado e que apresenta forte destaque, encontra-se nas perguntas 4, 5 e 7, quando foi perguntado sobre redes sociais de comunicação na internet, relações sociais e redes sociais para enfrentar problemas além de seus familiares. Todas disseram que conversam muito com os amigos, que eles se entendem, se apoiam e se ajudam mutuamente. Usam o espaço da escola, área comum dos condomínios para se encontrarem e trocar ideias. Comentaram também que usam as redes sociais como Facebook, Instagram e Whatsapp para conversar

com amigos. Além de ressaltarem que o uso constante de celulares e computadores é motivo de muitas discussões familiares.

Na perspectiva de Lopes (2004), a comunicação é permeada por algum tipo de linguagem e permite ao homem a aproximação, sem que seja necessária a presença física. A meu ver, a comunicação através da tecnologia veio suprir a carência que os adolescentes enfrentam, muitas vezes, pela dificuldade em se aproximar dos amigos com mais frequência.

Antigamente era mais tranquilo aos adolescentes se encontrarem na rua e nas praças para conversar, hoje, em decorrência da violência urbana ou da agenda repleta de afazeres, tornou-se mais difícil tal aproximação. A adolescente 3 descreve a importância das amigas em sua vida, por meio das seguintes palavras: *“Converso com algumas amigas da escola e do prédio quando estou precisando desabafar, elas percebem que não estou bem, que estou precisando de ajuda, porque fico brisando, fico chateada e olhando para o nada”*. A adolescente 2 expressa: *converso com meu amigo da Bahia, conversamos pelas redes sociais*.

Cervený(1997) propõe que a adolescência é marcada por processos de mudanças, de papéis, exigências, interesses e relações dentro e fora da família, em que o referencial social é amplo, incluindo como grupo de referência os companheiros. Ao analisar essas perguntas o que me chama atenção é que as adolescentes partem em busca por identidade e identificação, encontrando outros iguais e formando seus grupos. A necessidade de dividir angústias e padronizar atitudes e ideias, faz do grupo um lugar privilegiado, pois nele há uma uniformidade de comportamento, pensamento e hábitos.

Nas questões 6,8 e 9, as perguntas tinham a função de investigar a relação da comunicação com a família. Quando questionadas sobre como era conversar sobre ideias, sentimentos, expectativas com suas famílias, se elas sentiam-se compreendidas e como resolviam seus problemas dentro da família, mostraram novamente uma barreira, através da dificuldade da fala e da expressão. Elas comentam que com o medo do conflito, das divergências e da incompreensão da família se fecham ou então acabam brigando. Mas falaram também que conseguem conversar com algumas pessoas com as quais tem um pouco de facilidade, tais

como: primas, tios e avós. Isso é bastante saudável, pois assim não aprisionam seus sentimentos que são divididos, de certa forma, dentro da família extensa. A comunicação ultrapassa as fronteiras da família de origem, o adolescente recorre aos membros da família extensa para dialogar.

Essa situação evidencia claramente o desejo do adolescente de se afastar dos pais para poder identificar-se com outras pessoas, interessando-se pelo mundo externo. A adolescente 1 relata: *“Eles não entendem o que sinto, até entendo que seja porque não consigo expressar, mas as vezes dá para perceber o que uma pessoa está sentindo.”* Já a adolescente 2 comenta: *“tenho um tio que gosto muito e sinto que ele me compreende. E a minha avó paterna também gosto de conversar com ela.”* Nas palavras de Becker (2003): *“A abertura e reflexão desses pais, a maneira com que lidam com seus próprios conflitos e a compreensão que tiveram com relação aos conflitos dos filhos é que vão determinar a sua reação perante o adolescente.”*

Outro dado que me chamou a atenção foi na questão 10 e 11. Todas as adolescentes falaram que, dentro da família a pessoa com quem têm mais dificuldade de comunicação é a mãe. Qual seria a razão dessa dificuldade? Porque a mãe é a mais próxima, mais presente, portanto ocorre um desgaste maior? Será que as mães exigem muito das filhas e elas não gostam? Ou são mães que não estão conseguindo compreender suas filhas e não sabem usar a flexibilidade?

Questionei-me sobre as fronteiras e a relação de poder entre elas, pois, nas palavras de Cervený: *“Famílias com fronteiras flexíveis permitem que o adolescente possa tramitar e experimentar-se sua independência.”* E ainda, de acordo com Scivoletto (2012), a adolescência é uma fase de grande vitalidade física e mental, em que os adolescentes precisam de oportunidades para extravasar toda sua energia. Quanto menos oportunidades tiverem, maior será a sensação de opressão e maior a necessidade de lutar para quebrar essas resistências. As três adolescentes comentam sobre isso. Adolescente1: *“Minha mãe é estressada e não sabe me ouvir”.* Adolescente 2: *“Minha mãe é difícil. Não é fácil lidar com ela desde pequena. Tenho dificuldade com ela. Ela não vê o meu lado. Só o dela.”* A adolescente 3: *“Entro em conflito em tudo com minha mãe. Qualquer coisa que falo, ela me coloca na parede. Diz que estou errada, sem saber o que aconteceu. Aprendi*

a não falar as coisas para ela. Eu não gosto de falar nada com minha mãe.” Entretanto, quando questionadas sobre com quem tem mais facilidade para comunicar, as adolescentes 2 e 3, mencionaram o irmão; para a primeira adolescente essa pessoa seria o pai. Apesar da dificuldade com a mãe, todas elas escolheram uma pessoa determinada da família para conversar. Essa escolha se dá devido a uma maior identificação com um dos membros da família.

Por último, ao analisar a pergunta 12, cujo objetivo consistiu em descobrir o que as adolescentes gostariam de mudar em relação à comunicação com sua família, as três disseram que sim, que gostariam de mudar, de saber conversar, de não ter tanto stress, almejam o diálogo e uma intimidade maior com suas famílias. A adolescente 3 expressa esse sentimento dizendo: *“Acho interessante ter uma intimidade maior e diminuir as brigas, mas em casa não tem. Meu maior sonho é que todos pudessem jantar juntos e conversar, mas cada um pega seu prato e come separado. E quando tentamos comer juntos sempre tem uma discussão”*.

Diante das palavras de Cervený: a fase adolescente é marcada por intensa transformação que afeta todos os membros da família, já que nesse período as crises evolutivas geram uma forte necessidade de mudanças familiares. A família passa por processos fundamentais, que consistem na reconfiguração das relações entre pais e filhos e em novo ritmo na vida familiar, os quais necessitam de reajustes, já que provocam intenso desequilíbrio nos padrões de vida estabelecidos e construídos anteriormente. Com os dados da entrevista sobre mudança em relação a comunicação percebe-se que a conversa em família é um momento privilegiado de possibilidades, mas para algumas famílias a realização desse movimento não é fácil, principalmente quando a interação é rígida.

Crescer no processo da comunicação familiar implica em reorganizar o espaço de forma a aumentar a flexibilidade das fronteiras, sem que seja comprometida a autoridade dos pais. Por mais que a demanda da fase adolescente seja um momento difícil e complicado, a família deve manter a capacidade de proporcionar um ambiente de segurança, equilíbrio e limites a seus filhos.

Considerações Finais

Visto que o objetivo deste trabalho foi refletir, em especial, investigar e compreender como os problemas de comunicação afetam as relações familiares entre pais e filhos adolescentes. Em sua finalização, percebo que a família passa por transformações significativas na fase adolescente. Pais acostumados com os filhos pequenos, que recebem ordens e comunicam sem problemas, enfrentam o desafio de conviver com o filho que está à procura de diferenciação e ruptura com a autoridade dos pais. Esse processo de diferenciação para o adolescente está ligado a sua identidade, com o anseio de defender suas ideias e desejos passa a ter uma visão que os pais são autoritários e chatos. Em contrapartida, os pais, por não entenderem essa transformação, sentem-se acuados e amedrontados. Desse modo, podem adotar uma postura rígida.

Entender o adolescente e toda transformação que ocorre nessa fase é vital para o terapeuta. Entender como se dá esta comunicação é fundamental para ajudar a transformar a comunicação bloqueada, incompleta e velada em expressão clara e aberta dentro da família. É importante que o terapeuta seja capaz de verificar se a maneira como o adolescente e sua família comunicam colabora para o crescimento e a integração da família, ou se atrapalha por ser rígida e vazia. Em minha prática clínica, noto como esse processo é difícil para algumas famílias, como elas chegam machucadas, distantes, pautadas no silêncio e reprimindo seus sentimentos. Cerveny indicou que fronteiras flexíveis permitem que o adolescente possa tramitar e experimentar sua independência. Isso revela que a flexibilidade é melhor caminho para uma comunicação saudável em nossos lares.

Este trabalho proporcionou um grande aprendizado e me convida a uma continuidade nos estudos voltados à comunicação na família e para o adolescente, pois o processo da comunicação humana ocorre a vida toda, alcançando diferentes níveis em função da trajetória pessoal.

Por meio das entrevistas detectei que a comunicação na família, para as adolescentes entrevistadas, não é um processo fácil, está pautada no silêncio e na discussão, mas foi percebido também que todas contam com uma rede de apoio,

como amigos e algum membro da família nuclear ou extensa para poder passar por esta fase do ciclo vital.

A associação do referencial teórico à essa experiência me permitiu compreender que transformações, além de importantes e necessárias, são inerentes à vida. Ao direcionar a perspectiva ao ciclo vital, notei que, na fase adolescente, ocorrem descobertas e inúmeras mudanças interiores e exteriores que são essenciais ao desenvolvimento. As palavras de Becker podem contribuir para que essa reflexão continue:

“Então um belo dia, a lagarta inicia a construção do seu casulo. Este ser que vivia em contato íntimo com a natureza e a vida exterior, se fecha dentro de uma casca, dentro de si mesmo. E dá início a transformação que levará a um outro ser, mais livre, mais bonito (segundo algumas estéticas) e dotados de asas que lhe permitirão voar. Se a lagarta pensa e sente, também o seu pensamento e o seu sentimento se transformarão. Será agora o pensar e o sentir da borboleta. Ela vai ter um outro corpo, outro astral, outro tipo de relação com o mundo”.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOVA PERSPECTIVA SISTÊMICA. Rio de Janeiro: Instituto Noos e Instituto Família, v. 1, n. 49, 01 ago. 2014. Quadrimestral.

ANDOLFI, M. Por trás da máscara familiar: Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BECKER, Daniel. O que é Adolescência. São Paulo: Brasiliense, 2003. 90 p. (5ª reimpressão da 13ª Edição, 1994).

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. As Mudanças no Ciclo Familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. 12 p.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. A Família como Modelo: Desconstruindo a Patologia. 2. ed. São Paulo: Livro Pleno, 2011. 165 p.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Família e Ciclo Vital: Nossa Realidade em Pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 273 p.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Família e... 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 255 p.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Família e... São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 209 p.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Família e... São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda., 2012. 302 p.

FERNANDES, K. L.; Escolha Conjugal: A construção de um espaço para nós na relação. 2006. 89 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Terapia Familiar e Casal, Pontifícia Universidade Católica - Puc, São Paulo, 2006.

FISHMAN, C. Tratamiento de adolescentes com problemas. Paídos, Buenos Aires, 1993.

GONZALES, R. F. Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafio. São Paulo: Cengage Learning Editores, 2002.

GRANDESSO, Marilene A.. Sobre a Reconstrução do Significado: Uma análise Epistemológica e Hermenêutica da Prática Clínica. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 428 p.

JUSTIÇA, Ministério da. Estatuto da Criança e Adolescente - ECA: Lei 8069. 1990. Disponível em: <<http://www.criancanoparlamento.org.br/>>. Acesso em: 25 out. 2014.

LOPES, M.,I. V. Pesquisa de comunicação epistemológica teóricas e metodológicas. São Paulo: Intercom (São Paulo), V. XXVII,n. nº 1. P 24-38, 2004.

LUISI, Liz Verônica Vercillo; CANGELI FILHO, Raphael. A família em fase adolescente. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em Pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. Cap. 4. p. 73-97.

MINUCHIN, Salvador. Família: Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1982. 238 p. Jurema Alcides Cunha, M.A., L.D.

OSÓRIO, Luiz Carlos. Adolescente Hoje. Porto Alegre: Artmed, 1989. 90 p.

PISZMAN, Maria Luiza R. Meijome. Terapia Familiar Breve. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 213 p.

PRETO, NG. Transformação do Sistema Familiar na Adolescência. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1995. 223 p.

SCIVOLETTO, Sandra. Mudanças Psicológicas na Adolescência e o Uso de Drogas nesta Faixa Etária. In: SILVA, Eroy Aparecida da; MICHELI, Denise de. Adolescência Uso e Abuso de Drogas: Uma Visão Integrativa. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2012. Cap. 3. p. 71-90.

SILVA, Eroy Aparecida da; MICHELI, Denise de. Adolescência Uso e Abuso de Drogas: Uma Visão Integrativa. 2. ed. São Paulo: FAP-Unifesp, 2012. 787 p.

VICENTE, Rosa Maria Pereira da Silva. Família e Mudança. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Família e... São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Cap. 3. p. 39-51.

VON BERTALANFFY, Ludwig. Teoria Geral dos Sistemas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 351 p.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da Comunicação Humana**, São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda., 1973. 273 p.

ANEXOS

Anexo I – Roteiro da entrevista semi estruturada

1 - Dados de identificação dos participantes

- Idade:

- Profissão:

- Escolaridade:

- Irmãos, idade:

- Idade da mãe:

- Idade do pai:

- Profissão do pai:

- Profissão da mãe:

- Religião do pai:

- Religião da mãe:

2 – Roteiro da entrevista semiestruturada

- 1- O que você acha que seja comunicação? Ela é importante para você?
- 2- Qual é a forma mais habitual que você tem para se comunicar?
- 3- Você sente que tem alguma dificuldade de comunicação? Qual é?
- 4- Você participa de alguma rede de comunicação por intermédio da Internet?
- 5- Quais são suas redes sociais de apoio para enfrentar um problema.

- 6- Você costuma conversar sobre suas idéias, sentimentos e expectativas da vida com a família?
- 7- Além de seus familiares você costuma conversar com mais alguém a respeito de seus problemas? Quem? Como? Quando? Porque?
- 8- Você se sente compreendido por seus familiares?
- 9- De que maneira você resolve seus problemas familiares.
- 10- Na sua família, com qual pessoa você tem mais facilidade para comunicar sobre seus problemas? Porque?
- 11- Na sua família, com qual pessoa você tem menos facilidade para comunicar sobre seus problemas? Porque?
- 12- Existe alguma coisa que você gostaria de mudar em relação a comunicação entre você e sua família? Qual? Porque? Explique?
- 13- Tem alguma coisa que você gostaria de falar a respeito de comunicação entre você e sua família que não foi perguntado?

Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “_____” realizada pelo psicólogo e pesquisador _____ . Trata-se de um estudo _____.

Sua participação consistirá em responder a algumas perguntas, o que deve levar entre “_____” e “_____” minutos. Solicito que sua entrevista seja gravada para garantir um melhor registro das informações. Esse estudo não apresenta qualquer tipo de risco aos participantes. Seu nome será preservado e permanecerá em sigilo absoluto. Ao término desta pesquisa, os resultados serão divulgados, ficando à disposição dos participantes junto ao pesquisador. Sua participação é voluntária, ou seja, você tem direito a não participar desta pesquisa e, caso aceite participar, fica assegurada a sua liberdade de não responder às perguntas que considerar inoportunas. Também fica garantido seu direito de desistir em qualquer momento de participar da pesquisa sem qualquer penalização ou prejuízo à continuidade da assistência. A sua participação na pesquisa não lhe trará nenhum custo, benefício individual ou compensação financeira. No entanto, é importante que você participe, pois as informações fornecidas podem ajudar _____ .

Esse “TCLE” foi elaborado em duas vias, uma ficando com o participante da pesquisa e outra em poder da pesquisadora.

Maiores esclarecimentos ou dúvidas sobre essa pesquisa, fale diretamente com o pesquisador responsável. Coloco-me à sua disposição para maiores informações ou orientação, mesmo depois da entrevista,

– Pesquisador

Eu, _____, RG/RNE: _____

_____, assim como eu, _____,

RG/RNE: _____, consciente e livremente, mediante o exposto acima, aceitamos a participar desta pesquisa como voluntários e autorizamos a utilização dos dados da entrevista para estudo e publicação.

Endereço; rua; _____, nº _____,
complemento _____, bairro _____ CEP: _____.

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

Guarulhos, de de 2010.

Anexo III – Entrevistas Realizadas

1ª - Primeira entrevista realizada com Claudia

Terapeuta: O que você acha que seja comunicação? Ela é importante para você?

C- Comunicação para mim é interagir com o outro. Para mim é importante para podermos nos expressar, falar sobre os sentimentos.

Terapeuta: Qual é a forma mais habitual que você tem para se comunicar?

C- Através da conversa e quando não consigo me expressar direito fico emburrada ou triste.

Terapeuta: Você sente que tem alguma dificuldade de comunicação? Qual é?

C- Sim. A minha dificuldade é de não conseguir dizer o que sinto.

Terapeuta: Você participa de alguma rede de comunicação por intermédio da Internet?

C- Sim. Facebook, Telegram e Whatsapp. Uso mais o Whatsapp e falo bastante com minhas amigas.

Terapeuta: Quais são suas redes sociais de apoio para enfrentar um problema.

C- Com minhas amigas, minha prima Mayla de 15 anos e o meu pai.

Terapeuta: Você costuma conversar sobre suas idéias, sentimentos e expectativas da vida com a família?

C- Converso mais ou menos. Quando eu falo alguma coisa que eu penso minha mãe discorda e briga comigo. Eles não compreendem.

Terapeuta: Além de seus familiares você costuma conversar com mais alguém a respeito de seus problemas? Quem? Como? Quando? Porque?

C- Sim. Converso com minhas amigas, falando o que estou sentindo e o que aconteceu para eu estar daquele jeito. Converso quando estamos na escola, porque acho que por elas serem da mesma idade que eu, vão me entender.

Terapeuta: Você se sente compreendido por seus familiares?

C- Não, pois eles não entendem o que eu sinto, até entendo que seja porque não consigo me expressar, mas as vezes dá para perceber o que uma pessoa está sentindo.

Terapeuta: De que maneira você resolve seus problemas familiares.

C- As vezes conversando. Mas muitas vezes eu e minha mãe acabamos brigando.

Terapeuta: Na sua família, com qual pessoa você tem mais facilidade para comunicar sobre seus problemas? Porque?

C- Com meu pai, pois ele é mais calmo e sabe me ouvir melhor.

Terapeuta: Na sua família, com qual pessoa você tem menos facilidade para comunicar sobre seus problemas? Porque?

C- Com minha mãe, pois eu acho que ela é mais estressada e não sabe me ouvir.

Terapeuta: Existe alguma coisa que você gostaria de mudar em relação a comunicação entre você e sua família? Qual? Porque? Explique?

C- Sim. Mudaria a forma de me comunicar com minha mãe, porque ela não sabe conversar, não sabe escutar. Se não consigo expressar, ela fica estressada, já fala alto, grita e eu também grito com ela.

Terapeuta: Tem alguma coisa que você gostaria de falar a respeito de comunicação entre você e sua família que não foi perguntado?

C- Não.

2ª - Segunda entrevista realizada com Vitória

Terapeuta: O que você acha que seja comunicação? Ela é importante para você?

V- Para mim comunicação é diálogo entre todos que vivem perto de mim. Sim. É muito importante apesar da dificuldade da minha família.

Terapeuta: Qual é a forma mais habitual que você tem para se comunicar?

V- Na família é na briga e no silêncio. Não há conversa, na hora da raiva falamos coisas que magoam. Existem brigas para descontar a raiva que está dentro de nós. E a minha maior dificuldade é a minha mãe.

Terapeuta: Você sente que tem alguma dificuldade de comunicação? Qual é?

V- Sim. Tenho facilidade para estourar e dificuldade para falar, porque minha mãe nunca foi minha amiga, é como se fosse uma relação com estranho e com os outros membros da família também, está melhorando um pouco agora com meu irmão que casou e passou pelas mesmas dificuldades minha.

Terapeuta: Você participa de alguma rede de comunicação por intermédio da Internet?

V- Sim. Gosto do Facebook, Whatsapp. Falo mais com amigos.

Terapeuta: Quais são suas redes sociais de apoio para enfrentar um problema.

V- Meu amigo da Bahia, conversamos pelas redes sociais, minhas amigas da escola, em especial a Carol, meu tio do Rio de Janeiro e a família da Adriana que são meus vizinhos e frequento a casa dela desde pequena. Eles me ajudam muito. Chamo os dois de pai e mãe.

Terapeuta: Você costuma conversar sobre suas idéias, sentimentos e expectativas da vida com a família?

V- Não. Porque eu não gosto e tenho dificuldade. Ninguém pergunta e eu também não falo.

Terapeuta: Além de seus familiares você costuma conversar com mais alguém a respeito de seus problemas? Quem? Como? Quando? Porque?

V- Sim. Alguns amigos na escola. Me desabafo com eles, muito deles passam pela mesma dificuldade de comunicação com a família.

Terapeuta: Você se sente compreendido por seus familiares?

V- Pela minha não. Pelo meu pai um pouco mais. E na família da minha mãe tenho um tio que gosto muito e sinto que ele me compreende.. E a minha avó paterna também gosto de conversar com ela, mas só que ela acaba contando para a família e ai fico chateada.

Terapeuta: De que maneira você resolve seus problemas familiares.

V- Tenho muita dificuldade. Fico na minha e guardo para mim. Resolvo através do silêncio ou da explosão.

Terapeuta: Na sua família, com qual pessoa você tem mais facilidade para comunicar sobre seus problemas? Porque?

V- Ninguém. Tenho dificuldade com todos. Meu pai preocupa comigo, mas trabalha muito. No momento comunico um pouquinho mais com meu irmão que casou faz pouco tempo.

Terapeuta: Na sua família, com qual pessoa você tem menos facilidade para comunicar sobre seus problemas? Porque?

V- Minha mãe. Ela é muito difícil. Não é fácil lidar com ela, desde pequena tenho dificuldade com ela. Ela não vê o meu lado. Só vê o lado dela.

Terapeuta: Existe alguma coisa que você gostaria de mudar em relação a comunicação entre você e sua família? Qual? Porque? Explique?

V- Gostaria que tivesse diálogo em casa, tudo que fossemos fazer poderíamos conversar com o outro, ajudar o outro. Mas não tem isso em casa.

Terapeuta: Tem alguma coisa que você gostaria de falar a respeito de comunicação entre você e sua família que não foi perguntado?

V- Não.

3º - Terceira entrevista realizada com Paula

Terapeuta: O que você acha que seja comunicação? Ela é importante para você?

P-É o ato de se comunicar, de se relacionar, de trocar informações. Ela é importante não só no relacionamento da família, porque a humanidade surgiu da comunicação, é importante dentro do caso familiar, porque você consegue resolver muitas coisas, mas muitas ela é difícil.

Terapeuta: Qual é a forma mais habitual que você tem para se comunicar?

P- Tenho receio de falar com meus pais, sinto que não vou ter o apoio necessário. As vezes, falo, mas acabo brigando ai fico emburrada e vou para o meu quarto. E eles nem sabem como eu fico depois. Acredito que as vezes na briga, as vezes fico quieta, as vezes fico sozinha e algumas vezes consigo falar.

Terapeuta: Você sente que tem alguma dificuldade de comunicação? Qual é?

P- Não sei. As vezes acho que sou bipolar. Com minhas amigas da escola e do prédio sou comunicativa. Já dentro de casa com minha família tenho dificuldade de falar. Sinto que Com meus pais é mais difícil de me abrir.

Terapeuta: Você participa de alguma rede de comunicação por intermédio da Internet?

P- Sim. Participo do Whatsapp, tenho instagram de um personagem que eu gosto. Já o Facebook não tenho. Eu abomino. Porque muito usam para ostentação e eu não gosto de me expor na internet.

Terapeuta: Quais são suas redes sociais de apoio para enfrentar um problema?

P- Poucas pessoas. Acho que sou difícil para falar. Tenho poucas pessoas que confio. Preciso de muita intimidade para falar dos meus problemas. Mas tenho quatro amigas que conto um pouco e dentro de casa falo pouco para o meu irmão.

Terapeuta: Você costuma conversar sobre suas idéias, sentimentos e expectativas da vida com a família?

P- Não. Quase nada. Acho chato, gostaria de uma intimidade maior, uma boa relação com a família, mas não tem. Porque se tivesse uma intimidade não teria muito intriga. Mas quando falo das minhas idéias, falo com meu irmão, mas pouco. Não consigo chegar nos meus pais, porque se eu falar vão me questionar e eu não quero.

Terapeuta: Além de seus familiares você costuma conversar com mais alguém a respeito de seus problemas? Quem? Como? Quando? Porque?

P- Converso com algumas amigas da escola e do prédio. Quando estou precisando desabafar, elas percebem que não estou bem, que estou precisando de ajuda e de me desabafar. Porque fico chateada, fico brisando, olhando para o nada. E porque elas acabam me ajudando um pouco naquela hora.

Terapeuta: Você se sente compreendido por seus familiares?

P- Acho que não. Minha mãe força a barra. Tudo que faço ela questiona, nunca me protege, ela acha que estou sempre errada, nem me deixa falar. Meu pai é mais compreensivo. E o meu irmão compreende melhor, porque ele diz que já passou por isto que estou passando.

Terapeuta: De que maneira você resolve seus problemas familiares.

P- Aprendi um artifício com meu irmão que é ir para o quarto para não ter problemas. Por que é só sair do quarto e sentar no sofá que a minha mãe já implica e arruma briga com alguma coisa. Ela provoca meu pai e ai gente briga e fico emburrada. Minha mãe deveria pensar no que ela fala. Eu e minha mãe temos muito conflitos. Tudo que ela fala eu questiono e tudo que eu falo ela questiona. Portanto prefiro o silêncio do quarto do que as brigas.

Terapeuta: Na sua família, com qual pessoa você tem mais facilidade para comunicar sobre seus problemas? Porque?

P- Meu irmão. Mas é bem pequena. Ele me ouve e não me questiona por tudo e nem fica brigando por tudo

P- Não.

Terapeuta: Na sua família, com qual pessoa você tem menos facilidade para comunicar sobre seus problemas? Porque?

P- Com a minha mãe. Porque nós entramos em conflito por tudo. Qualquer coisa que falo, ela me coloca na parede. Diz que estou errada, sem saber o que aconteceu. Aprendi a não falar minhas coisas para ela. Eu não gosto de falar nada com a minha mãe. Ela é estranha e não me escuta

Terapeuta: Existe alguma coisa que você gostaria de mudar em relação a comunicação entre você e sua família? Qual? Porque? Explique?

P- Com a minha mãe. Porque nós entramos em conflito em tudo. Qualquer coisa que falo, ela me coloca na parede. Diz que estou errada, sem saber o que aconteceu. Aprendi a não falar as coisa para ela. Eu não gosto de falar nada com a minha mãe. Ela é estranha e não me escuta

Terapeuta: Tem alguma coisa que você gostaria de falar a respeito de comunicação entre você e sua família que não foi perguntado?